

HUMANIDADES E CIÊNCIAS SOCIAIS:

Perspectivas
Teóricas,
Metodológicas
e de
Investigação

Luis Fernando González-Beltrán
(organizador)

VOL V



EDITORA
ARTEMIS
2024

HUMANIDADES E CIÊNCIAS SOCIAIS:

Perspectivas
Teóricas,
Metodológicas
e de
Investigação

Luis Fernando González-Beltrán
(organizador)

VOL V



EDITORA
ARTEMIS
2024



O conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons Atribuição-Não-Comercial NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0). Direitos para esta edição cedidos à Editora Artemis pelos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento, desde que sejam atribuídos créditos aos autores, e sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A responsabilidade pelo conteúdo dos artigos e seus dados, em sua forma, correção e confiabilidade é exclusiva dos autores. A Editora Artemis, em seu compromisso de manter e aperfeiçoar a qualidade e confiabilidade dos trabalhos que publica, conduz a avaliação cega pelos pares de todos manuscritos publicados, com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

Editora Chefe	Prof. ^a Dr. ^a Antonella Carvalho de Oliveira
Editora Executiva	M. ^a Viviane Carvalho Mocellin
Direção de Arte	M. ^a Bruna Bejarano
Diagramação	Elisangela Abreu
Organizador	Prof. Dr. Luis Fernando González-Beltrán
Imagem da Capa	Bruna Bejarano, Arquivo Pessoal
Bibliotecário	Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Conselho Editorial

Prof.^a Dr.^a Ada Esther Portero Ricol, *Universidad Tecnológica de La Habana “José Antonio Echeverría”*, Cuba
Prof. Dr. Adalberto de Paula Paranhos, Universidade Federal de Uberlândia, Brasil
Prof. Dr. Agustín Olmos Cruz, *Universidad Autónoma del Estado de México*, México
Prof.^a Dr.^a Amanda Ramalho de Freitas Brito, Universidade Federal da Paraíba, Brasil
Prof.^a Dr.^a Ana Clara Monteverde, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina
Prof.^a Dr.^a Ana Júlia Viamonte, Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP), Portugal
Prof. Dr. Ángel Mujica Sánchez, *Universidad Nacional del Altiplano*, Peru
Prof.^a Dr.^a Angela Ester Mallmann Centenaro, Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil
Prof.^a Dr.^a Begoña Blandón González, *Universidad de Sevilla*, Espanha
Prof.^a Dr.^a Carmen Pimentel, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil
Prof.^a Dr.^a Catarina Castro, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Prof.^a Dr.^a Cirila Cervera Delgado, *Universidad de Guanajuato*, México
Prof.^a Dr.^a Cláudia Neves, Universidade Aberta de Portugal
Prof.^a Dr.^a Cláudia Padovesi Fonseca, Universidade de Brasília-DF, Brasil
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos, Universidade Federal da Grande Dourados, Brasil
Prof. Dr. David García-Martul, *Universidad Rey Juan Carlos de Madrid*, Espanha
Prof.^a Dr.^a Deuzimar Costa Serra, Universidade Estadual do Maranhão, Brasil
Prof.^a Dr.^a Dina Maria Martins Ferreira, Universidade Estadual do Ceará, Brasil
Prof.^a Dr.^a Edith Luévano-Hipólito, *Universidad Autónoma de Nuevo León*, México
Prof.^a Dr.^a Eduarda Maria Rocha Teles de Castro Coelho, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal
Prof. Dr. Eduardo Eugênio Spers, Universidade de São Paulo (USP), Brasil
Prof. Dr. Eloi Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima, Brasil
Prof.^a Dr.^a Elvira Laura Hernández Carballido, *Universidad Autónoma del Estado de Hidalgo*, México



Prof.ª Dr.ª Emilas Darlene Carmen Lebus, *Universidad Nacional del Nordeste/ Universidad Tecnológica Nacional, Argentina*
Prof.ª Dr.ª Erla Mariela Morales Morgado, *Universidad de Salamanca, Espanha*
Prof. Dr. Ernesto Cristina, *Universidad de la República, Uruguay*
Prof. Dr. Ernesto Ramírez-Briones, *Universidad de Guadalajara, México*
Prof. Dr. Fernando Hitt, *Université du Québec à Montréal, Canadá*
Prof. Dr. Gabriel Díaz Cobos, *Universitat de Barcelona, Espanha*
Prof.ª Dr.ª Gabriela Gonçalves, Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP), Portugal
Prof. Dr. Geoffroy Roger Pointer Malpass, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Brasil
Prof.ª Dr.ª Gladys Esther Leoz, *Universidad Nacional de San Luis, Argentina*
Prof.ª Dr.ª Glória Beatriz Álvarez, *Universidad de Buenos Aires, Argentina*
Prof. Dr. Gonçalo Poeta Fernandes, Instituto Politécnico da Guarda, Portugal
Prof. Dr. Gustavo Adolfo Juarez, *Universidad Nacional de Catamarca, Argentina*
Prof. Dr. Guillermo Julián González-Pérez, *Universidad de Guadalajara, México*
Prof. Dr. Håkan Karlsson, *University of Gothenburg, Suécia*
Prof.ª Dr.ª Iara Lúcia Tescarollo Dias, Universidade São Francisco, Brasil
Prof.ª Dr.ª Isabel del Rosario Chiyon Carrasco, *Universidad de Piura, Peru*
Prof.ª Dr.ª Isabel Yohena, *Universidad de Buenos Aires, Argentina*
Prof. Dr. Ivan Amaro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Prof. Dr. Iván Ramon Sánchez Soto, *Universidad del Bío-Bío, Chile*
Prof.ª Dr.ª Ivânia Maria Carneiro Vieira, Universidade Federal do Amazonas, Brasil
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz, *University of Miami and Miami Dade College, Estados Unidos*
Prof. Dr. Jesús Montero Martínez, *Universidad de Castilla - La Mancha, Espanha*
Prof. Dr. João Manuel Pereira Ramalho Serrano, Universidade de Évora, Portugal
Prof. Dr. Joaquim Júlio Almeida Júnior, UniFIMES - Centro Universitário de Mineiros, Brasil
Prof. Dr. Jorge Ernesto Bartolucci, *Universidad Nacional Autónoma de México, México*
Prof. Dr. José Cortez Godinez, Universidad Autónoma de Baja California, México
Prof. Dr. Juan Carlos Cancino Diaz, Instituto Politécnico Nacional, México
Prof. Dr. Juan Carlos Mosquera Feijoo, *Universidad Politécnica de Madrid, Espanha*
Prof. Dr. Juan Diego Parra Valencia, *Instituto Tecnológico Metropolitano de Medellín, Colômbia*
Prof. Dr. Juan Manuel Sánchez-Yañez, *Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo, México*
Prof. Dr. Juan Porras Pulido, *Universidad Nacional Autónoma de México, México*
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil
Prof. Dr. Leinig Antonio Perazolli, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Brasil
Prof.ª Dr.ª Livia do Carmo, Universidade Federal de Goiás, Brasil
Prof.ª Dr.ª Luciane Spanhol Bordignon, Universidade de Passo Fundo, Brasil
Prof. Dr. Luis Fernando González Beltrán, *Universidad Nacional Autónoma de México, México*
Prof. Dr. Luis Vicente Amador Muñoz, *Universidad Pablo de Olavide, Espanha*
Prof.ª Dr.ª Macarena Esteban Ibáñez, *Universidad Pablo de Olavide, Espanha*
Prof. Dr. Manuel Ramiro Rodriguez, *Universidad Santiago de Compostela, Espanha*
Prof. Dr. Manuel Simões, Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, Portugal
Prof.ª Dr.ª Márcia de Souza Luz Freitas, Universidade Federal de Itajubá, Brasil
Prof. Dr. Marcos Augusto de Lima Nobre, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Brasil
Prof. Dr. Marcos Vinicius Meiado, Universidade Federal de Sergipe, Brasil
Prof.ª Dr.ª Mar Garrido Román, *Universidad de Granada, Espanha*
Prof.ª Dr.ª Margarida Márcia Fernandes Lima, Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil
Prof.ª Dr.ª María Alejandra Arecco, *Universidad de Buenos Aires, Argentina*
Prof.ª Dr.ª Maria Aparecida José de Oliveira, Universidade Federal da Bahia, Brasil
Prof.ª Dr.ª Maria Carmen Pastor, *Universitat Jaume I, Espanha*

Prof.ª Dr.ª Maria da Luz Vale Dias – Universidade de Coimbra, Portugal
Prof.ª Dr.ª Maria do Céu Caetano, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Prof.ª Dr.ª Maria do Socorro Saraiva Pinheiro, Universidade Federal do Maranhão, Brasil
Prof.ª Dr.ª MªGraça Pereira, Universidade do Minho, Portugal
Prof.ª Dr.ª Maria Gracinda Carvalho Teixeira, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil
Prof.ª Dr.ª María Guadalupe Vega-López, *Universidad de Guadalajara, México*
Prof.ª Dr.ª Maria Lúcia Pato, Instituto Politécnico de Viseu, Portugal
Prof.ª Dr.ª Maritza González Moreno, *Universidad Tecnológica de La Habana, Cuba*
Prof.ª Dr.ª Mauriceia Silva de Paula Vieira, Universidade Federal de Lavras, Brasil
Prof. Dr. Melchor Gómez Pérez, *Universidad del Pais Vasco, Espanha*
Prof.ª Dr.ª Ninfa María Rosas-García, Centro de Biotecnología Genómica-Instituto Politécnico Nacional, México
Prof.ª Dr.ª Odara Horta Boscolo, Universidade Federal Fluminense, Brasil
Prof. Dr. Osbaldo Turpo-Gebera, *Universidad Nacional de San Agustín de Arequipa, Peru*
Prof.ª Dr.ª Patrícia Vasconcelos Almeida, Universidade Federal de Lavras, Brasil
Prof.ª Dr.ª Paula Arcoverde Cavalcanti, Universidade do Estado da Bahia, Brasil
Prof. Dr. Rodrigo Marques de Almeida Guerra, Universidade Federal do Pará, Brasil
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares, Universidade Federal do Piauí, Brasil
Prof. Dr. Sérgio Bitencourt Araújo Barros, Universidade Federal do Piauí, Brasil
Prof. Dr. Sérgio Luiz do Amaral Moretti, Universidade Federal de Uberlândia, Brasil
Prof.ª Dr.ª Silvia Inés del Valle Navarro, *Universidad Nacional de Catamarca, Argentina*
Prof.ª Dr.ª Solange Kazumi Sakata, Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares (IPEN)- USP, Brasil
Prof.ª Dr.ª Stanislava Kashtanova, *Saint Petersburg State University, Russia*
Prof.ª Dr.ª Susana Álvarez Otero – Universidad de Oviedo, Espanha
Prof.ª Dr.ª Teresa Cardoso, Universidade Aberta de Portugal
Prof.ª Dr.ª Teresa Monteiro Seixas, Universidade do Porto, Portugal
Prof. Dr. Valter Machado da Fonseca, Universidade Federal de Viçosa, Brasil
Prof.ª Dr.ª Vanessa Bordin Viera, Universidade Federal de Campina Grande, Brasil
Prof.ª Dr.ª Vera Lúcia Vasilévski dos Santos Araújo, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Brasil
Prof. Dr. Wilson Noé Garcés Aguilar, *Corporación Universitaria Autónoma del Cauca, Colômbia*
Prof. Dr. Xosé Somoza Medina, *Universidad de León, Espanha*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

H918 Humanidades e ciências sociais [livro eletrônico] : perspectivas teóricas, metodológicas e de investigação: vol. V / Organizador Luis Fernando González-Beltrán. – Curitiba, PR: Artemis, 2024.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

Edição bilíngue

ISBN 978-65-81701-16-1

DOI 10.37572/EdArt_300724161

1. Ciências sociais. 2. Humanidades. I. González-Beltrán, Luis Fernando.

CDD 300.1

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422



PRÓLOGO

Todos hemos oído la expresión popular “si algo sale bien, hazlo de nuevo”. Y aquí estamos presentando el quinto volumen de “Humanidades e Ciências Sociais: Perspectivas Teóricas, Metodológicas e de Investigaçao”. En esta ocasión, como lo dice uno de nuestros autores, abordamos los diferentes niveles de análisis, micro o individual, meso o local, y macro o global.

En esta obra, en la que incluimos 21 autores, de procedencias diversas, tanto teóricas, como metodológicas, y hasta disciplinarias, agrupamos los trabajos en cuatro apartados. Iniciamos con 7 capítulos bajo el rubro “Interacción, amor y desviación sexual”.

En primer lugar encontramos las creencias sobre el amor romántico, las relaciones tóxicas, la dominación masculina y la violencia de género. Enseguida encontramos el análisis de la infidelidad y su relación, o falta de ella, con el género y la inteligencia sexual. Tercero, podemos ver como esta infidelidad, que aparece en casi la mitad de los encuestados, genera daño emocional y violencia. A continuación se revisan los factores de riesgo de la violencia en parejas, una “preocupante realidad de millones de adolescentes y adultos jóvenes”. También cómo la autoestima, y su interacción con los padres, les permite tomar decisiones sobre el inicio de su vida sexual. Incluimos también como se cuestionan las músicas populares, los discursos textuales y corporalidades que se entrelazan en ciertas composiciones performativas, para deconstruir aspectos sociales de las masculinidades hegemónicas. Finalizando este apartado con una mirada clínica que intenta, como muchas otras miradas, dar una explicación de los conflictos internos, y la pérdida de contacto con la realidad, que llevan a la violencia y la desviación sexual.

En el segundo apartado nombrado “Cómo nos forjó la historia: Esclavitud, Guerra y Justicia”, tenemos 5 trabajos. Ahí podemos encontrar parte de la historia virreinal, analizando el arte religioso como “agentes con presencia, potencia y acción en la interacción social entre culturas”. Siguiendo con un trabajo que usa la hermenéutica jurídica, para evaluar la justicia y la esclavitud en los afrodescendientes. En los últimos tres capítulos de la sección, se busca resignificar el pasado: primero, interpretando la batalla del Ebro en la memoria colectiva; segundo, analizando la politización de una canción, ejemplo de los diálogos en contra de la dictadura militar y, en el último estudio, se aborda una vanguardia artística vinculada al Modernismo en América Latina, que se reflejó en la figura del indio Caraíba, y la llamamos aquí la jungla identitaria.

La sección “Salud y Sociedad” inicia con un trabajo que muestra que los determinantes sociales de la salud juegan un papel crucial en la aparición y evolución de las enfermedades crónicas. Algo necesario para contraponer con los determinantes comportamentales, el estilo de vida sedentario y la mala alimentación. Así la hipertensión, la osteoporosis y otras enfermedades empeoraron “con el desbalance que generó el

Covid”. Sigue un trabajo en la misma línea, que pretende conocer estos determinantes tanto biológicos como psicológicos y hasta sociales, con el fin de poder guiar a los adultos mayores a adaptar y mejorar su estilo de vida. El apartado finaliza con un estudio que considera a los cuidadores de los enfermos, particularmente de Alzheimer, quienes también sufren el cambio en sus rutinas y estilos de vida, para dedicar a sus familiares una labor de 24 horas.

El último apartado “Derecho y Movimientos Sociales”, comprende 6 capítulos sobre problemáticas que se analizan en distintos países, Argentina, Perú, Colombia, México, Ecuador, pero que se presentan en toda América Latina. Inicia con la convicción de que los movimientos sociales están en crisis, pero porque la propia sociedad en su conjunto está en crisis. Los gobiernos neoliberales se alternan, mientras se da un paso atrás, al alinearse al Fondo Monetario Internacional y la OCDE. Sigue el análisis del sindicalismo latinoamericano, que transita bajo la paradoja de que a mayores prestaciones a los trabajadores, menor desarrollo económico. A continuación se analizan las políticas públicas del deporte tanto de aficionados como profesionales, que se dictan entre agudas contradicciones en aspectos sociales, económicos y legislativos. Luego se analiza la política fiscal, con la adopción de las nuevas tecnologías, llegando a la conclusión que debe haber colaboración entre los organismos internacionales, los estados y los particulares, en aspectos de seguridad y privacidad, pero siempre a “favor de la dignidad humana antes que a la tecnología”. Le sigue una propuesta sobre acuerdos bilaterales, que propone también negociaciones equilibradas que logre integraciones económicas para el desarrollo, tanto en cuestiones ambientales como de infraestructura y en contra del cáncer de la corrupción. El apartado finaliza con los derechos legales e internacionales de los refugiados, y lo mejor, propone recomendaciones prácticas para la protección de estos derechos.

Hemos intentado balancear los temas, las aproximaciones y los diferentes puntos de vista sobre la conjunción de las Humanidades y Ciencias Sociales, para el disfrute del lector que busca estar al día en estas apasionantes materias.

Dr. Luis Fernando González Beltrán
Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM)

SUMÁRIO

INTERACCIÓN, AMOR Y DESVIACIÓN SEXUAL

CAPÍTULO 1..... 1

RELACIONES TÓXICAS, DOMINACIÓN Y VIOLENCIA. HISTORIAS DE VIDA EN TORNO A LAS CREENCIAS DEL AMOR ROMÁNTICO

Verónica Prieto Cordero

 https://doi.org/10.37572/EdArt_3007241611

CAPÍTULO 2..... 12

INFIDELIDAD E INTELIGENCIA SEXUAL

Sinuhé Estrada-Carmona

Gabriela Isabel Pérez-Aranda

 https://doi.org/10.37572/EdArt_3007241612

CAPÍTULO 3..... 26

LA INFIDELIDAD COMO ACTO DE VIOLENCIA: UN ESTUDIO CUALITATIVO EN MUJERES PERUANAS

Ursula Milagros Chu Amaranto

 https://doi.org/10.37572/EdArt_3007241613

CAPÍTULO 4..... 34

VIOLENCIA NO NAMORO E RELACIONAMENTO TÓXICO E ABUSIVO: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA E UMA ANÁLISE COMPARATIVA

Nádia Catarina Lima

 https://doi.org/10.37572/EdArt_3007241614

CAPÍTULO 5..... 40

RELACIÓN PARENTAL Y AUTOESTIMA COMO FACTORES DETERMINANTES DEL INÍCIO DE VIDA SEXUAL EN ADOLESCENTES

Lady Olivia Quispe Arapa

 https://doi.org/10.37572/EdArt_3007241615

CAPÍTULO 6..... 58

ESTRUTURAS CLÍNICAS: NEUROSE, PSICOSE, PERVERSÃO

Nádia Catarina Lima

 https://doi.org/10.37572/EdArt_3007241616

CAPÍTULO 767

“Y NO ES MACHISMO...”: PERFORMATIVIDADES DE GÉNERO EN LA LISTA DE REPRODUCCIÓN LOS TIGLESS (YOUTUBE, 2017)

Pablo Alejandro Suárez Marrero

 https://doi.org/10.37572/EdArt_3007241617

CÓMO NOS FORJÓ LA HISTORIA: ESCLAVITUD, GUERRA Y JUSTICIA

CAPÍTULO 8.....78

AGENCIA DE LA IMAGEN Y ESTRATEGIAS DE EVANGELIZACIÓN ENTRE LA COMPAÑÍA DE JESÚS Y LA ESCLAVONÍA DEL INGENIO DE SAN NICOLÁS DE AYOTLA, OAXACA

Vanessa Georgina Santiago López

 https://doi.org/10.37572/EdArt_3007241618

CAPÍTULO 9..... 93

LA ADMINISTRACIÓN DE JUSTICIA Y LOS AFRODESCENDIENTES A TRAVÉS DE FUENTES JUDICIALES DEL ARCHIVO DE ASUNCIÓN

Darío López Villagra

 https://doi.org/10.37572/EdArt_3007241619

CAPÍTULO 10..... 108

COMUNICACIÓN, CONFLICTO Y RESIGNIFICACIÓN DE LOS ESPACIOS DE LA BATALLA DEL EBRO EN CATALUÑA (ESPAÑA)

Jordi Prades-Tena

 https://doi.org/10.37572/EdArt_30072416110

CAPÍTULO 11.....117

“COMO DOIS E DOIS SÃO CINCO”: A DITADURA MILITAR EM QUESTÃO

Adalberto Paranhos

 https://doi.org/10.37572/EdArt_30072416111

CAPÍTULO 12132

A SELVA IDENTITÁRIA: MODERNIZAÇÃO, ANTROPOFAGIA E DIREITO

Eva Cristina Franco Rosa dos Santos

 https://doi.org/10.37572/EdArt_30072416112

CAPÍTULO 13..... 144

SOCIAL DETERMINANTS OF HEALTH AND CHRONIC DISEASES POST COVID-19
SALINAS. ECUADOR, 2023

Yanedsy Díaz Amador
Isoled del Valle Herrera Pineda
Carlota Roció Ordoñez Villao
Nohelia Romina Robinson Cedeño
Melanie Zamora Merchán
Brigitte Janeth Catuto Vera
Pamela Katherine Chicaiza Salazar
Francisco Amaury Restrepo Ramírez
Margarita del Roció García Castro
Henry Arnaldo Cruz Tomalá
Ander José Díaz Caiche
Allison Joselyn Orrala Borbor

 https://doi.org/10.37572/EdArt_30072416113

CAPÍTULO 14.....156

COMPREHENSIVE GERIATRIC ASSESSMENT IN INSTITUTIONALIZED OLDER
ADULTS

Claudia Marcela Cantú Sánchez
Grever María Avila Sánsores
Gerardo Ruvalcaba Palacios
Ma. Gloria Vega Argote

 https://doi.org/10.37572/EdArt_30072416114

CAPÍTULO 15.....179

LUTO EM CUIDADORES FAMILIARES DE PESSOAS COM DEMÊNCIA DE ALZHEIMER

Laura Brito
Ângela Leite
M. Graça Pereira

 https://doi.org/10.37572/EdArt_30072416115

DERECHO Y MOVIMIENTOS SOCIALES

CAPÍTULO 16195

LA CRISIS DE LOS MOVIMIENTOS SOCIALES Y SU CAPACIDAD DE DESMULTIPLICAR LAS CRISIS Y DE CREACIÓN DE UN NUEVO MODELO DE GOBERNABILIDAD EN AMÉRICA LATINA: EL EJEMPLO DE LA ARGENTINA

Raina Zimmering

 https://doi.org/10.37572/EdArt_30072416116

CAPÍTULO 17214

DE LA TEORÍA ESTATUTARIA A LA CONTRACTUALISTA EN LA NEGOCIACIÓN COLECTIVA EN LA ADMINISTRACIÓN PÚBLICA. PRINCIPIO PRESUPUESTAL VS DERECHO FUNDAMENTAL; EL CASO PERUANO

Julio Enrique Haro Carranza

 https://doi.org/10.37572/EdArt_30072416117

CAPÍTULO 18234

CONTEXTO SOCIAL Y NORMATIVO DE LAS POLÍTICAS PÚBLICAS DEL DEPORTE EN COLOMBIA

José Ramos Acosta

Ana María Arias Castaño

Néstor Ordoñez Saavedra

 https://doi.org/10.37572/EdArt_30072416118

CAPÍTULO 19 247

DESAFÍOS DEL BIG DATA COMO PARTE DE LA TRANSFORMACIÓN DE LA POLÍTICA FISCAL EN MÉXICO

Reyna Araceli Tirado Gálvez

 https://doi.org/10.37572/EdArt_30072416119

CAPÍTULO 20259

CHILE: LAS PRINCIPALES CARACTERÍSTICAS POLÍTICAS, ECONÓMICAS, SOCIALES Y TECNOLÓGICAS, Y SUS ACUERDOS BILATERALES REALIZADOS CON EL ECUADOR

César Antonio Bustamante Chong

Mariana Elizabeth Bustamante Chong

 https://doi.org/10.37572/EdArt_30072416120

CAPÍTULO 21.....279
MECHANISM FOR ENSURING THE RIGHTS OF REFUGEES: CHALLENGES AND
PERSPECTIVES
Viktoriiia Sydorenko
 https://doi.org/10.37572/EdArt_30072416121

SOBRE O ORGANIZADOR.....289

ÍNDICE REMISSIVO290

CAPÍTULO 12

A SELVA IDENTITÁRIA: MODERNIZAÇÃO, ANTROPOFAGIA E DIREITO

Data de aceite: 26/07/2024

IDENTITY JUNGLE: MODERNIZATION, ANTROPOPHAGY AND RIGHTS

Eva Cristina Franco Rosa dos Santos

Universidade Federal de Goiás
Goiânia – Goiás

<http://lattes.cnpq.br/2925271252241860>

RESUMO: A Antropogafia foi uma vanguarda artística ligada ao Modernismo na América Latina. Enquanto movimento levado a cabo por intelectuais que pensavam a cultura e o poder, a Antropofagia importa para os estudos da História e do Direito. Tal vanguarda artística tomou forma num contexto de modernização, no qual as esferas da vida se autonomizavam e de mercado editorial jornalesco, que propulsionava a modernização enquanto ideologia. Ao negar seu presente e ligar-se a um passado longínquo, que se refletia na figura do índio Caraíba, a Antropofagia criou um universo de referencial entre os seus intelectuais correspondentes, intelectuais latino-americanos em rede, os colaboradores do suporte onde era veiculada, a Revista de Antropofagia. Chamamos aqui esse referencial de *selva identitária*.

PALAVRAS-CHAVE: História & Literatura. Direito & Literatura. Modernização. Antropofagia Modernista. Índio.

ABSTRACT: Antrophagy was an artistic avant-garde linked to Modernism in Latin America. As a movement carried out by intellectuals who thought about culture and power, Anthropophagy is important for the studies of History and also Law. This artistic avant-garde took shape in a context of modernization, in which the spheres of life became autonomous, and of the newspaper publishing market, which propelled modernization as an ideology. By denying his present and linking himself to a distant past, which was reflected in the figure of Indian Caraíba, Antrophagy created a universe of reference among its corresponding intellectuals, Latin American intellectuals in a network, the collaborators of the support where it was broadcast, the Revista de Antropofagia. We call this reference here the identity jungle.

KEYWORDS: History & Literature. Law & Literature. Modernization. Modernist Antrophagy. Latin American Indian.

1 INTRODUÇÃO

Como uma voz dentro do *Modernismo* no Brasil, a Antropofagia intentou, num

momento no qual a intelectualidade¹ brasileira preocupava-se com a definição dos traços nacionais, uma radicalização das narrativas concernentes às características e dialética histórica da cultura pátria. Pela revolução antropofágica, o selvagem americano declararia, na narrativa dos modernistas desse momento, sua independência no que tange ao velho mundo europeu. Distingue-se na Antropofagia uma atitude panfletária de publicação periódica, entre 1928 e 1929, a qual Oswald de Andrade, um de seus principais mentores, chama de “sarampão antropofágico” (ANDRADE, 2007) e outra atitude, correspondendo a uma fase de elaboração sistemática de discurso filosófico, na qual a Antropofagia aparece como uma filosofia da história, a fase do texto *Crise da Filosofia Messiânica* (1950).

O Modernismo em seus primeiros momentos havia atualizado as questões estéticas nas artes, criado opções de repertório artístico que estivessem relacionadas com os efeitos da modernização pela qual Brasil e América Latina passavam. A modernização é caracterizada aqui conforme Ortiz² pela autonomia de algumas esferas, como a arte, e o início de um aparato mercantilizador e racionalizador da cultura. Na Europa essa modernização já aparecia desde meados do século XIX, e no Brasil, ela apareceu nas décadas que margearam a virada do século XIX para o XX com a existência desse mercado racionalizador possibilitado, entre outros fatores, pelo crescimento das cidades e a industrialização, e a não autonomia das esferas da vida. Além dessas duas características, havia uma outra, bastante relacionada às primeiras, que conferia à modernização brasileira um aspecto muito peculiar e que a diferenciava da europeia. Qual seja: por aqui a burguesia, uma das principais classes fomentadoras da cidade, não havia viabilizado os mecanismos civilizatórios que disponibilizou na Europa, apenas gerou riqueza e se salvaguardou em seu estamento (ORTIZ, 1987, 28-29). Então, o Modernismo quis romper esteticamente, trouxe um discurso de rompimento da arte, um discurso de liberdade, um impulso modernizador.

¹ Autores como Sérgio Buarque de Holanda – *Raízes do Brasil* (1936), Gilberto Freyre – *Casa Grande e Senzala* (1933) e Oliveira Vianna – *Evolução do Povo Brasileiro* (1923) voltavam-se para as questões do nacional, da identidade brasileira, das características típicas daqueles que habitavam o Brasil. Sérgio Buarque de Holanda, por exemplo, demonstrava interesse nas novas estéticas modernistas, sendo inclusive um dos promotores da revista modernista *Klaxon*, o que transparece como a ideia de nação que esses intelectuais das ciências sociais tentavam construir em discurso participava em muitos casos do mesmo terreno das novas ideias acerca de uma modernização de várias esferas culturais, como a arte. Essa informação sobre o interesse de Buarque de Holanda no Modernismo está em Pongé. Robert. *Notas Sobre a Recepção e o Surrealismo no Brasil*. ALEA. v. 6, n. 1, jan-jun 2004, p. 53-65. Chile e também em Matos, Júlia Silveira. *Cartas Trocadas: Sérgio Buarque de Holanda e os bastidores da revista Klaxon*. Fênix. v. 7, ano 2, n. 2. mai-ago 2010, p. 1-13. Porto Alegre.

² Que se baseia em Raymond Williams e Walter Benjamin.

2 MODERNISMO, ANTROPOFAGIA, CIDADE LETRADA E O ÍNDIO

O Modernismo fora paradigma para a revista ora sob estudo, ela fora forjada sob sua alcunha. Esse movimento, composto por um número considerável de bandeiras e vanguardas, representa tentativa de adequar culturalmente as cidades³ onde surgia às novidades materiais ligadas ao avanço tecnológico. Para tanto, as diversas correntes emersas desse mar modernista cunharam um projeto de modernização que tinha como principal característica a mudança estética, da ruptura com um passado recente de fins do século XIX e, especialmente no caso de algumas correntes, como a Antropofagia, o retorno a uma origem mítica onde o mal-estar da civilização⁴ contemporânea seria atenuado pelas fórmulas não patriarcais de vida ensinadas pelos selvagens, esse foi um dos sentidos básicos da utopia antropofágica modernista.

Como afirma Mário da Silva Brito em seu estudo, os vanguardistas em coro diziam que o Modernismo, antes da fase Antropofágica e também da Pau-Brasil, havia deixado de fora as verdadeiras questões nacionais (BRITO, 1972, 67-69). Nesse sentido, também o próprio Oswald de Andrade comenta no *Manifesto da Poesia Pau-Brasil* “O trabalho da geração futurista fora ciclópico. Acertar o relógio império da literatura nacional. Realizada esta etapa, o problema é outro. Ser regional e puro em sua época.” (ANDRADE, 2011, 64-65).

A selva mitológica aparece, portanto, nessa busca pelas questões nacionais que o modernismo absorveu. Na verdade, como olhamos para a Antropofagia de um ponto de vista continental⁵, tendo por base a revista que em si recebia colaborações de intelectuais de vários lugares da América Latina, além de outros indícios de contato entre vanguardistas latino-americanos, os antropófagos e teoria antropofágica, preferimos o uso da palavra identitário ao vocábulo nacional. O termo selva aqui utilizado é uma forma de resumir a coletânea de temas relacionados ao que seria genuinamente regional, latino-americano e identitário.

Existem indícios e rastros dessa narrativa acerca da selva identitária cunhada por esses intelectuais a nível continental. Ver a esse respeito os escritos de Jorge Schwarz sobre Xul Solar, seu estudo sobre sua biblioteca contendo exemplares da

³ Malcom Bradbury possui um vasto estudo cuja conclusão é que o Modernismo elegeu como *habitat* a cidade cosmopolita. In: *Modernismo: Guia Geral*. 1999. Cia das Letras. P (78)

⁴ A alusão à obra de Freud não é ocasional. Suas teorias foram usadas sobremaneira por Oswald ao longo dos textos nos quais dá base à ideia de antropofagia cultural, sejam eles: *O Manifesto Antropofágico* (Revista de Antropofagia, maio 1928), *a Crise da Filosofia Messiânica* (1950) e *a Marcha das Utopias* (1953).

⁵ Não é a primeira vez nas ciências humanas que se tenta buscar conexões entre intelectuais brasileiros do período modernista e outros intelectuais da América Latina. Como, por exemplo, os estudos de Jorge Schwarz sobre a relação do argentino Xul Solar com intelectuais do Brasil. In: SCHWARZ. Jorge. *Xul/Brasil. Imaginários em diálogo*. In: Revista IEB, n. 53, mar-set 2011, p 53-68. A diferença do presente trabalho, entretanto, é que trouxemos a lupa da pesquisa para os discursos vinculados à Antropofagia mais especificamente.

Revista de Antropofagia, as cartas que trocou com Mário de Andrade e a carta-convite que recebeu de Alcântara Machado para se juntar aos antropófagos (SCHWARZ, 2011, 53-68). Além deles, há também as colaborações diretas à Revista de Antropofagia de Maria Clemência e Norah Borges, ambas argentinas, a última sendo irmã de Jorge Luiz Borges. (MARQUES, 2013).

Entre os temas que nos remetem à identidade nessa rede de intelectuais, é possível observar a valorização da figura do indígena em um aspecto radical de narrativa, na qual o mau-selvagem foi coroado como professor do processo de independência cultural. O tupinambá foi relembado pela apologia aos índios caraibas e o processo de devoração ritual do guerreiro inimigo forte, outrora comum entre os nativos invadidos pelos colonizadores, passou a ser elogiado a partir da conversão dessa antropofagia ritual em uma antropofagia literária. Por meio da literatura e das artes, os conteúdos culturais foram deglutidos e então se fez uma nova síntese cultural, moderna e regional, moderna e identitária.

A selva identitária também pode ser vista na valorização da fala do sertanejo em detrimento da gramática portuguesa culta tão valorizada pela geração dos juristas cidadãos que construíram uma civilização de privilégios burgueses, senão vejamos o poema do antropófago colaborador Rosário Fusco do grupo mineiro de Cataguases:

"O meu amor, rapazes,
é uma lindeza de morena bonita,
das matas de minas gerais!
De dia meu amor vai pro serviço [cantando cantando
E que friume não me faz por dentro, [gente vê-la cantar assim!

Meu amor é mais alegre que o sol!
Mais alegre que os córgos da minha [terra! [...] (FUSCO, 1928, p 2)

Podemos ainda ver a selva sendo tecida na poesia do antropófago do Rio Grande do Norte, Jorge Fernandes, com seu verso livre, cantou a culinária dos interiores do país para o europeu estrangeiro, o qual chamou de marinheiro. Nesse poema é significativo ver o eu lírico, que encarna o intermediador entre dois mundos, o do sertanejo e o do estrangeiro europeu, mostrar que não é possível para o marinheiro conhecer o sertanejo enquanto não aprender sua língua. Segue:

"Marinheiro, proverá Deus que você fosse
Pelos nossos sertões...
Você via os campos sem fim...
As serras tímides todas cheias de matos...
Os rios cheios muito bonitos...
Os rios secos muito bonitos...
Você comia commigo umbuzada gostosa...
O leite com girimum...

Curimatan frêscas com molho de pimenta de cheiro...
Você via como a gente trabalha sol a sol
Esquecido da fome e das coisas
Bonitas de seus mundos
Ver como vaqueiro rompe mato fechado
E se lasca perseguindo a rês
Por riba dos lagêdos
Chega os cascos federem a chifre queimado...
Ver o vaqueiro plantá a mão na bassoura da rês
E ela vira mocotó...
Marinheiro, se você soubesse a minha fala
Eu haveria de levar você p'ro meu sertão..." (FERNANDES, 1928, p 1)

Diante desse material, é expressivo usar o arsenal de Chartier. Para esse autor, existem duas formas de observar um texto, uma extrínseca, ligada à fenomenologia e às formas do eu leitor lidar com o mesmo; e uma intrínseca às estruturas do texto. Chartier se preocupou em entender “de que modo o historiador pode trazer nova luz a essas leituras, a partir da noção das variações da leitura em decorrência das diversas épocas e lugares, destacando a importância de observar questões como a forma com que a impressão e o texto” se engendram por um lado e, por outro, como “leitores individuais ou comunidades de leitores costumam essas leituras” (CHARTIER, 1992, 214-215).

Observando a veia na qual flui Chartier, é possível notar também autores como Jauss, que inauguram todo um campo de novas expectativas frente à análise de objetos culturais com sua nova interpretação da história da leitura a partir dos anos 1960. Para esses autores, era preciso ultrapassar as perspectivas do estruturalismo francês, do formalismo russo ou do marxismo. Era preciso colocar o leitor como ponto importante da obra, retirar a ideia de leitura passiva e admitir que o universo do leitor interagiu com o que era lido (JAUSS, 2000).

Chartier entende que a cultura oral tem formas de leitura e narrativa diversas das culturas escritas (CHARTIER, 1992, 218-219), que apresentam mudanças ligadas à racionalização e modernização das esferas do social. Tal modernização era a base dessa cultura do mercado de impressão textual que existia no Brasil e em São Paulo, onde a revista era impressa, como demonstrou Ortiz em seu estudo referido acima, e também o demonstra Sevcenko em seus estudos sobre o Modernismo em São Paulo na década de 1920 (SEVCENKO, 1992). Outro estudo de Sevcenko, seu clássico *Literatura como Missão* comporta grande análise dessa configuração. Nele o autor procura as relações entre uma cultura urbana pós proclamação da República, o mercado editor jornalístico, os intelectuais da literatura, que também eram advogados e demais profissionais liberais do tecido cidadão e a geração de noções acerca do que seria um cidadão (SEVCENKO, 1999, 82-83).

Também existia tal configuração modernizante na Argentina, país de alguns dos colaboradores da Revista de Antropofagia, como demonstra Alejandra Laera em seu estudo sobre a prensa periódica portenha, no qual expõe a emergência de um mercado de bens culturais representado por periodistas, folhetinistas, cronistas, enfim, intelectuais das décadas que margeiam o fim do século XIX, ligados à necessidade de criação de meios para socializar arte, ciência, opiniões (LAERA, 2008, 495-496). Havia portanto, tanto aqui, como ali, essa busca por um espaço de democratização das análises culturais, de concepções de mundo.

As primeiras décadas do século XX na América Antropofágica - essa que esteve envolvida com a produção da Teoria Antropofágica - desta feita, estão ligadas ao surgimento de uma cultura escrita veiculada a partir de periódicos e jornais que movimentavam ideias e criavam um senso de cidadania no seio dessas comunidades cidadinas em ascensão.

A Revista de Antropofagia tentava dar voz às populações dos interiores do sertão, dos rincões, ela buscou trazer essas populações para o interior da cultura jornalésca, do mercado editor racionalizado, os conteúdos daquilo que nos referimos aqui como selva identitária na narrativa dos antropófagos atestam isso.

Não obstante, a questão é: Que tipo de público leitor havia ao redor da Revista de Antropofagia? O estudo da rede de relações entre os antropófagos tem mostrado até aqui que eles mesmos eram os principais leitores da revista, os únicos que conseguiram deglutir e consumir os conteúdos antropofágicos. Não é à toa que, quando foi ao grande público leitor do jornal *O Diário de São Paulo*, logo teve suspensa sua publicação. Os únicos, esses intelectuais, mais habituados à relativização de valores e ressignificação de conteúdos culturais.

A Revista de Antropofagia esteve dividida em duas fases. A primeira, de Maio de 1928 a Fevereiro de 1929, dirigida por Alcântara Machado; e uma segunda, de Março a Agosto de 1929, como anexo publicado semanalmente no jornal *O Diário de São Paulo*, sendo dirigida nesse segundo momento por Geraldo Ferraz, Jayme Adour e Raul Bopp (NUNES, 2011, p 8-9). Na primeira fase, a mais longa das duas, a revista tinha mais páginas, mais textos, era produzida como um produto autônomo e, portanto, seu alcance era menor se compararmos com a segunda fase, na qual ela vinha como página do jornal *O Diário de São Paulo*, ocasião na qual aproveitava os leitores regulares do periódico paulistano.

Na primeira fase, o número 1 fora publicado em Maio de 1928, o 2 em Junho, o 3 em Julho, o 4 em Agosto, o 5 em Setembro, o 6 em Outubro, o 7 em Novembro, o 8 em Dezembro, o 9 em Janeiro de 1929 e o 10 em Fevereiro de 1929. Ou seja, a primeira fase publicou dez exemplares e, como não estava atrelada a um aparato racionalizador da

produção, como a empresa que movimentava *O Diário de São Paulo*, tinha um espaço temporal de em média trinta dias para trocar correspondências entre aqueles que recebiam a revista.

O texto de Luciana Godoy que aborda as correspondências entre artistas de movimentos como o Modernista é iluminador nesse sentido, pois ele mostra como as cartas trocadas constituem o próprio movimentar cultural das vanguardas, uma vez que elas permitem a negociação de ideias a respeito da *avant gard* (GODOY, 2002, 92-93). Esse texto faz referência específica, no que concerne a nosso objeto de estudo, a cartas trocadas entre Mário de Andrade e Manuel Bandeira, que são também dois intelectuais antropófagos da Antropofagia Literária. Concordamos que as cartas revelem o movimentar cultural das vanguardas, e entendemos, não obstante, que os textos em si, produtos-finais desse movimentar cultural, também dizem muito a respeito da vanguarda e seu significado.

Contudo, ao entender esse papel da comunicação e da correspondência, podemos perceber, no que se refere à primeira fase da revista, que o espaço de tempo de trinta dias entre a publicação de uma revista e outra, permitia o balizamento e a negociação das ideias a respeito da revista e, conseqüentemente, da Antropofagia enquanto teoria.

Já a segunda fase, mais curta e, no entanto, mais rápida, no que diz respeito ao ritmo da produção, apresenta mais publicações em um menor período de tempo. A que devemos atrelar essa efemeridade? Certamente o menor período de tempo para negociação de ideias acerca da Antropofagia entre seus correspondentes enfraquecia os vínculos criados entre os antropófagos no que concerne à produção da revista.

Dessa forma, a revista publicava semanalmente, aos Domingos, Quartas ou Quintas. Os números 11, 12 e 13 foram publicados no *Diário de São Paulo* em Março de 1929, os números 14, 15 e 16 em Abril, os números 17, 18 e 19 em Maio, os números 20, 21 e 22 em Junho, os números 23, 24 e 25 em Julho, e o número 26 em Agosto.

A segunda fase foi rápida. Menos tempo para negociar ideias, menos tempo para criar relações de intimidade e de auto referência para com a revista e a Teoria Antropofágica. A esse respeito, o texto de Foucault é de grande auxílio para entendermos o papel da correspondência na construção da alma daquele que escreve, uma vez que ao escrever para outrem, a pessoa escreve consoantemente para si, como num “ofício recíproco”, de auxílio do outro e de si mesmo (FOUCAULT, 2010, 154-155). Mesmo quem queira negar que o tempo não influencie necessariamente na construção das ideias negociadas, não poderá negar o fato de a segunda fase da *Revista de Antropofagia* conter menos textos que a primeira em suas publicações. São menos textos, que significam menos pessoas contribuindo, menos intelectuais se identificando e trabalhando dentro de si e para a ideia da Antropofagia Literária.

Então, vale pontuar que não apenas o tempo para trocar ideias quanto às publicações e caminhos da Teoria Antropofágica era menor, havia uma outra diferença nessa segunda fase. A revista estava inserida num mercado que tinha um público leitor, o público do jornal. Esse público dialogava com os conteúdos dos jornais, influenciava na sua produção e influenciou de fato, tanto que a publicação de um conteúdo ofensivo ao texto Bíblico levou à devolução massiva de exemplares do jornal e ao fim da revista como anexa ao mesmo. Essa informação específica sobre o fim da revista está na biógrafa de Oswald, Maria Augusta Fonseca (FONSECA, 2007). O mercado racionalizador catalisou o esvaimento das forças antropofágicas.

Dando sequência à análise extrínseca e intrínseca do documento, Chartier fala da relação entre a cultura escrita e a oral, dos hábitos de leitura coletiva promovidos pela cultura oral e como o trabalho dos editores “estragava” o texto escrito original, com seus aditivos de resumos, rodapés e cabeçalhos (CHARTIER, 1992, 218-219). Primeiro trataremos dos editores que estragavam os textos e depois abordaremos as questões dos tipos de leitura e leitores no que concerne à Antropofagia.

Há uma diferença gritante entre fazer um livro, um jornal ou um periódico e escrever um texto. É necessário perceber como o trabalho de impressão interfere no tipo de experiência que o leitor terá. Nesse sentido, o historiador que se volta para a Teoria Antropofágica, na busca por entendê-la desde sua primeira fase, quando da publicação em revista, a fase de negociação de ideias, deve ter em mente que à sua frente está um produto finalizado e editado por pessoas diferentes daquelas que escreveram os textos individualmente. Dessa forma, quanto à efemeridade da segunda dentição da revista, é possível ainda indagar que, talvez, essa diminuição do número de textos não tenha a ver com menos trocas entre os antropófagos, mas sim com questões de editoração e publicação independentes das reais relações entre os antropófagos. Seja em um caso ou em outro, é preciso pensar sobre o significado dessa diminuição de publicações e seus reflexos seja para o grupo que servia de apoio, seja para o todo social que consumia essa revista e/ou suas ideias.

Assim, é pertinente indagar como essa revista serviu de suporte para o surgimento de um tipo de teoria que não pode ser considerada uma mera união do ponto de vista de cada autor sobre a selva identitária. Na verdade, essa selva foi criada através e mediante a própria revista e as trocas entre os seus intelectuais. Portanto não cabe mesmo dizer que a Antropofagia tem um único pai, uma única mãe, ela é fruto desse mercado, dessa racionalização no universo mítico da selva latino-americana, a selva do novo mundo moderno.

A ideia do editor que estraga o escrito, trazida à tona por Chartier conforme referido acima, revela-se significativa para conceber diversos aspectos de nosso objeto de estudo, a revista que portava os pensamentos dos intelectuais antropófagos. Para fazer coro no que tange à análise do suporte, seria interessante trazer à baila a abordagem de McLuhan, que fala da revista como um artefato construído em mosaico, onde as diversas informações textuais ou imagéticas se intercomunicam e comunicam em função dessa interação (MCLUHAN, 2001, 232-233). Essa característica permite uma experiência diversa daquela que se tem lendo um livro ou um texto num jornal.

Assim, apesar das formas de leitura extrínsecas e intrínsecas, Chartier aponta que para estabelecer uma real complexidade do texto, é necessário observar a interação entre três polos. Sejam eles: o texto, o suporte e a leitura. O texto é composto pelo que o autor escreveu, a forma como foi escrito, a narrativa utilizada, questões estéticas textuais; o suporte é o livro, revista, periódico, tipo de edição, diagramação, questões comerciais e materiais da publicação; já a leitura é composta pela forma como os outros dois elementos são recebidos por leitores ou comunidades de leitores. Além disso, existem paradigmas de leitura que são característicos de cada tipo de comunidade ou do próprio livro que a media. Segundo esse critério, Chartier exemplifica algumas possibilidades como “a leitura rousseauiana do Iluminismo ou, uma vez mais, a leitura mágica das sociedades camponesas tradicionais.” (CHARTIER, 1992, 227).

Nesse pormenor, importa falar que dentro da Revista de Antropofagia, em especial, no Manifesto Antropofágico, é possível perceber a relação de conteúdos mágicos de culturas indígenas, como a invocação à lua nova⁶ presente no Manifesto Antropofágico. Essa inserção de conteúdo mágico, além de dialogar com a estética surrealista, pois translitera as palavras em seu idioma original indígena, forçando um estranhamento no texto que permite um choque de realidade; também expõe os diferentes níveis de realidade do texto⁷, o manifesto, no qual é possível encontrar o nível de realidade dos intelectuais antropófagos; do filósofo, do jagunço, do sertanejo, do europeu, do caraíba,

⁶ Os modernistas fizeram um denso trabalho de pesquisa pelo território nacional para contatar os conteúdos culturais que os ajudariam a criar uma síntese da ideia de Brasil. Expedições como as de Mário de Andrade ao Amazonas ou a Minas Gerais estão bem retratadas no texto de Francisco Iglesias. *Modernismo, uma reverificação da inteligência nacional*. In: História & Literatura. 2009. Perspectiva. P (233-255). A contribuição de Couto de Magalhães também fora de grande uso pelos modernistas nesse sentido, ele avolumou uma vasta quantidade de versos das religiosidades indígenas, traduziu grande parte dos mesmos; trabalho que fora utilizado no *Manifesto Antropofágico* de Oswald de Andrade, que pode ser visto na parte que inicia com “*Catiti, Catiti...*” (ANDRADE, 2011, 67-74) publicado com o título de *O selvagem*. São Paulo, Editora Nacional, 1935, p. 173.

⁷ Referimo-nos aqui à ideia de níveis de realidade de Ítalo Calvino. Uma obra ficcional, para o autor, tem diversos níveis de realidade: o autor, seu *alter ego* que escreve, o personagem que vive a história narrada e etc. Cada nível de realidade interage um com o outro. “Essas camadas da realidade não pertencem apenas ao indivíduo autor, mas à cultura coletiva, à época histórica ou às sedimentações profundas da espécie.” In: CALVINO, Ítalo. Assunto Encerrado: Discursos sobre literatura e sociedade. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

do canibal, do indígena; da cidade industrializada, do sertão profundo, da floresta, da selva e etc. É possível encontrar também o nível de realidade do índio. Esse nível de realidade fora um dos principais, pois trouxe a metáfora básica que, doravante daria nome ao próprio grupo, sua teoria e seus suportes, qual seja: a metáfora do índio antropófago que faria a deglutição do europeu – entenda-se, no contexto da antropofagia literária, valores europeus – a partir do elemento autóctone. Era a decretação de uma segunda independência, de uma segunda descolonização.

Mas, no que concerne à recepção, como esses conteúdos mágicos, que esteticamente estão próximos aos indígenas, poderiam chegar à leitura desses mesmos indígenas? Na verdade, o público leitor da revista sob comento nunca fora o indígena aldeado, mas sim o habitante da cidade de alguma forma familiarizado com as letras e a leitura. Isso mostra o intuito da Antropofagia em ser uma força educadora a criar a noção de selva identitária entre os habitantes da cidade letrada.

3 ANTROPOFAGIA JURÍDICA

“Perguntei a um homem o que era o Direito. Ele me respondeu que era a garantia do exercício da possibilidade. Esse homem chamava-se Galli Mathias. Comi-o.” (Oswald de Andrade, Manifesto Antropofágico, 1928).

Ao mesmo tempo, como a cidade letrada poderia criar um novo tipo de observação do poder, e do pensamento sobre o poder que ela abriga, em um contexto latino-americano e modernizado? Trazer a ideia de modernização de uma forma tão criativa como a Antropofagia Literária tentou foi uma tentativa também de recolocar o pensamento sobre o mesmo dentro da atualidade da época, uma atualidade que descobrisse seus fins e sua identidade local enquanto identidade de Brasil, ou de Brasil dentro da América Latina.

A Antropofagia trouxe a proposta de redescobrir o poder e, com isso, redescobrir, ainda, o direito, através das diversas vozes engendradas pela polifonia da nação criada com os diversos ventos oriundos das novas visitas aos conteúdos simbólicos do ser humano branco ou cidadão vivendo no seio da periferia do mundo (SANTOS, 2017)⁸. E se no centro do mundo estava a norma europeia, na periferia, na América Latina, essa norma europeia deveria ser deglutida para poder gestar uma criatividade local, uma voz local. Porque é com a recolocação do sentido do fluir das vozes que a Antropofagia chega a uma nova perspectiva de poder, diversa dos movimentos anteriores, também modernistas, como o *Pau-Brasil*, como a *Anta*. Antropofagia não é qualquer forma de repensar formas europeias para o espaço periférico, mas pensar essas formas buscando ainda um compromisso com a emancipação do ser humano e, com isso com as maneiras

⁸ Remeto aqui o leitor e a leitora para minha dissertação de mestrado defendida em 2017.

como o constitucionalismo leva a uma promoção cada vez maior de alargamento das formas de tutela das diversas dimensões de direitos ao longo dos séculos e décadas, num movimento contínuo de atualização e contra-hegemonia, promovendo o perfazimento temporal da história a contrapelo benjaminiana que é, em algumas medidas, o movimento que recoloca o princípio da igualdade dentro do peso da materialidade e do simbólico no tempo. E, ainda, no contexto antropofágico, esse movimento, especialmente no quesito jurídico, recoloca o poder de modo a contrapelo e, no mesmo ato, cria uma outra América Latina e Brasil dentro da mesma (BENJAMIN, 2014; VASAK, 1979; TEUBNER, 2020).

4 PALAVRAS FINAIS

Tentamos fazer nesse artigo uma análise dos aspectos intrínsecos e extrínsecos da Antropofagia, especialmente em sua primeira fase. Buscamos aspectos ligados aos leitores, ao suporte, ao texto em si, as questões pertinentes aos processos de editoração e publicação, bem como as questões que dizem respeito à comunidade de leitores. Todos esses aspectos trouxeram luz para esse estudo.

Tentamos usar a perspectiva de Chartier, embora, talvez, estendendo-a para uma sociologia do grupo intelectual que dava voz à teoria antropofágica na sua fase mais sarâmpica. A Antropofagia e sua selva identitária são frutos desse mercado editor, da rede de relações compostas por intelectuais que viviam nas cidades latino-americanas em um contexto de modernização, servindo não apenas de produto, mas ainda de meio para a construção da noção de atualização cultural e da criação de uma rede compartilhada de ideias acerca do poder e de identidades nacionais modernas. O ponto é que essas identidades nacionais modernas em diálogo geravam um terreno comum de construção: a imersão nessa comunidade latino-americana através de revistas como a Revista de Antropofagia. Isso criou a noção de um espaço de compartilhamento onde foi possível entender um lugar de pertencimento coletivo por esses intelectuais de diversas nações em rede, recolocando o poder e a escrita da História.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Oswald de. *Serafim Ponte Grande*. Rio de Janeiro: Ariel, 1933. [Edição atual: São Paulo, Globo, 2007.]

ANDRADE, Oswald de. *A utopia antropofágica / Oswald de Andrade*. – 4ª Ed. São Paulo: Globo, 2011 – (Obras completas de Oswald de Andrade).

BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas: Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

- BRITO, Mário da Silva. *As Metamorfoses de Oswald de Andrade*. São Paulo: Imprensa Oficial do estado, 1972.
- CHARTIER, Roger. Textos, impressão, leituras. In: HUNT, Lynn. *A Nova História Cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. (O Homem e a História)
- FERNANDES, Jorge. O Estrangeiro. In: *Revista de Antropofagia*, São Paulo, ano 1, n. 2, p. 1, jun. 1928.
- FONSECA, Maria Augusta. *Oswald de Andrade: biografia*. São Paulo: Globo, 2007.
- FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: *Ética, Sexualidade e Política / Michel Foucault; organização e seleção de textos Manoel Barros da Motta*. Rio de Janeiro: Forense, 2010.
- FUSCO, Rosario. Lírica. In: *Revista de Antropofagia*, São Paulo, ano 1, n. 2, p. 2, jun. 1928.
- GODOY, Luciana Bertini. Correspondência: a obra e suas leituras. In: *Ceifar, semear: a correspondência de Van Gogh*. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2002.
- JAUSS, Hans Robert. *A Literatura e o Leitor: Textos de estética da recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- LAERA, Alejandra. Cronistas, novelistas: La prensa periódica como espacio de profesionalización en la Argentina (1880-1910). In: ALTAMIRANO, Carlos; MEYERS, Jorge. *História de los Intelectuales em América Latina*. Buenos Aires: Katz, 2008.
- MARQUES, Ivan. *Modernismo em Revista*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2013.
- MCLUHAN, Marshall. *Os Meios de Comunicação Como Extensões do Homem*. São Paulo: Cultrix, 2001.
- NUNES, Benedito. Antropofagia ao alcance de todos. In: *A utopia antropofágica / Oswald de Andrade*. – 4ª. Ed. – São Paulo: Globo, 2011. – (Obras completas de Oswald de Andrade).
- ORTIZ, Renato. *A Moderna Tradição Brasileira*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987.
- SANTOS, Eva Cristina Franco Rosa dos. *A MODERNIDADE SOB O SOL DE ABAPORU: Imagens dos intelectuais desde a polifonia da nação à crítica ao juspositivismo*. Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás. Dissertação de Mestrado. Goiânia, 2017.
- SCHWARZ, Jorge. Xul/Brasil. Imaginários em diálogo. In: *Revista IEB*, n. 53, mar-set 2011, p 53-68.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura Como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu Extático na Metrópole*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- TEUBNER, Gunther. *Fragments Constitucionais: constitucionalismo social na globalização*. São Paulo: Saraiva, 2020.
- VASAK, Karel. *The International Dimensions of Human Rights*. Bloomsbury: Bloomsbury Academic, 2019.

SOBRE O ORGANIZADOR

Luis Fernando González-Beltrán- Doctorado en Psicología. Profesor Asociado de la Facultad de Estudios Superiores Iztacala (FESI) UNAM, Miembro de la Asociación Internacional de Análisis Conductual. (ABAI). de la Sociedad Mexicana de Análisis de la Conducta, del Sistema Mexicano de Investigación en Psicología, y de La Asociación Mexicana de Comportamiento y Salud. Consejero Propietario perteneciente al Consejo Interno de Posgrado para el programa de Psicología 1994-1999. Jefe de Sección Académica de la Carrera de Psicología. ENEPI, UNAM, de 9 de Marzo de 1999 a Febrero 2003. Secretario Académico de la Secretaría General de la Facultad de Psicología 2012. Con 40 años de Docencia en licenciatura en Psicología, en 4 diferentes Planes de estudios, con 18 asignaturas diferentes, y 10 asignaturas diferentes en el Posgrado, en la FESI y la Facultad de Psicología. Cursos en Especialidad en Psicología de la Salud y de Maestría en Psicología de la Salud en CENHIES Pachuca, Hidalgo. Con Tutorías en el Programa Alta Exigencia Académica, PRONABES, Sistema Institucional de Tutorías. Comité Tutorial en el Programa de Maestría en Psicología, Universidad Autónoma del Estado de Morelos. En investigación 28 Artículos en revistas especializadas, Coautor de un libro especializado, 12 Capítulos de Libro especializado, Dictaminador de libros y artículos especializados, evaluador de proyectos del CONACYT, con más de 100 Ponencias en Eventos Especializados Nacionales, y más de 20 en Eventos Internacionales, 13 Conferencia en Eventos Académicos, Organizador de 17 eventos y congresos, con Participación en elaboración de planes de estudio, Responsable de Proyectos de Investigación apoyados por DGAPA de la UNAM y por CONACYT. Evaluador de ponencias en el Congreso Internacional de Innovación Educativa del Tecnológico de Monterrey; Revisor de libros del Comité Editorial FESI, UNAM; del Comité editorial Facultad de Psicología, UNAM y del Cuerpo Editorial Artemis Editora. Revisor de las revistas "Itinerario de las miradas: Serie de divulgación de Avances de Investigación". FES Acatlán; "Lecturas de Economía", Universidad de Antioquía, Medellín, Colombia, Revista Latinoamericana de Ciencia Psicológica (PSIENCIA). Buenos Aires, Revista "Advances in Research"; Revista "Current Journal of Applied Science and Technology"; Revista "Asian Journal of Education and Social Studies"; y Revista "Journal of Pharmaceutical Research International".

<https://orcid.org/0000-0002-3492-1145>

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abordagens terapêuticas 58, 61, 62, 63, 65, 66
Adolescentes 10, 23, 31, 34, 35, 38, 40, 41, 42, 43, 45, 46, 47, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57
Afroparaguayos 93
Aging 156, 157, 158, 163, 174, 176, 191, 192
Amor romântico 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 74, 75
Antropofagia modernista 132
Apropriação de sentidos 117
Argentina 93, 105, 106, 137, 143, 195, 196, 197, 200, 201, 202, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 217, 218, 220, 221, 229, 233, 271
Aspecto social 234, 237
Asylum 279, 280, 281, 284, 285, 286, 287, 288
Autoestima 24, 26, 28, 31, 35, 37, 40, 41, 42, 43, 44, 47, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 57, 180, 184

B

Batalla del Ebro 108, 109, 110, 111, 114, 115, 116
Bem-estar 34, 38, 58, 60, 66, 185, 187, 189
Big data 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258

C

Caos normativo y equilibrio presupuestal 214
Características políticas 259, 260, 261
Castas 93, 94, 98, 99, 100, 101, 102, 196, 213
Chronic diseases 144, 145, 146, 151, 152, 153, 154
Ciberseguridad 210, 247, 252
Compañía de Jesús 78, 81, 84, 87, 90, 92
Comprehensive assessment 156, 175
Consequências para a saúde 34
Contexto 1, 8, 41, 71, 72, 74, 76, 78, 87, 90, 94, 97, 110, 120, 124, 127, 132, 141, 142, 177, 179, 187, 189, 213, 219, 234, 236, 237, 239, 241, 244, 245, 246, 259, 266, 267, 277
Covid-19 144, 145, 146, 147, 153, 154, 155, 179, 187, 191, 193, 194, 204, 278
Crisis política 196, 202, 213
Cuidadores familiares 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 187, 188, 189, 190, 191

D

Daño emocional 26

Daño psicológico 26

Demência de Alzheimer 179, 180, 181, 183, 184, 186, 189, 190

Deporte 234, 235, 236, 237, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246

Derechos humanos 201, 202, 204, 207, 217, 224, 247, 252, 259

Devociones 78, 84, 87, 90, 91

Dialogismo 117, 118, 130

Direito & Literatura 132

Ditadura militar 117, 118, 120, 122, 125

Dominación masculina 1, 4, 5, 6, 8, 9

E

Económicas 196, 204, 209, 213, 226, 227, 246, 259, 260, 261, 275, 277

Esclavonía 78, 81, 89, 90, 91, 92

Esclavos 81, 84, 87, 89, 90, 91, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 105, 106, 107

Estruturas clínicas 58, 59

Estudios de performance 67

Evangelización 78, 81, 87, 92, 105

F

Forced migration 279, 288

G

Geriatric stay 156, 165

Globalización 79, 176, 177, 212, 213, 247, 248, 254, 259, 260

Guerra Civil Española 108, 115

H

Health 9, 24, 34, 39, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 158, 160, 161, 162, 163, 165, 167, 175, 176, 192, 193, 194, 285

História & Literatura 132, 140

Human rights 143, 248, 260, 279, 280, 281, 282, 285, 286

I

Índio 99, 100, 103, 104, 132, 134, 141

Infidelidad 12, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33
Infidelidad emocional 12, 15, 16, 19, 20, 21, 23
Infidelidad sexual 12, 15, 16, 19, 20, 21, 22, 23, 24
Inteligencia artificial 247, 249, 250, 251, 252, 254, 255, 256, 257, 258
Inteligencia sexual 12, 13, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24
Interacción 40, 42, 44, 50, 78, 110
Intervenção 35, 38, 66, 129, 180, 188, 189, 190

J

Jovens adultos 34, 35, 38
Justicia 93, 94, 97, 98, 99, 100, 106, 203, 213, 259, 269

L

Luto 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 193, 194

M

Machismo 67, 69, 70, 74, 76, 77
Mediatización 108, 110, 115
Memoria histórica 108, 111, 115, 116
Modernização 132, 133, 134, 136, 141, 142
Movimientos sociales 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 210, 211, 212, 213
Música popular 77, 117, 118, 126, 129, 130, 131
Musicología popular 67, 68

N

Neurose 58, 59, 60, 61, 62, 66
Normas 14, 15, 16, 21, 22, 28, 35, 64, 77, 81, 94, 95, 98, 121, 211, 228, 234, 238, 242, 244, 248, 253, 254
Nuevo modelo de gobermentalidad 195, 196, 208

O

Older adults 156, 157, 158, 159, 160, 162, 163, 165, 167, 168, 173, 175

P

Parodia musical 67

Perversão 58, 59, 64, 65, 66
Política fiscal 247, 256, 275
Política pública 234, 236, 238, 246, 256, 258
Psicose 58, 59, 60, 62, 63, 64, 66

R

Refugee 279, 280, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 287, 288
Relacionamento abusivo 34, 36, 37, 38
Relaciones tóxicas 1, 5, 8
Relación parental 40, 42, 43, 46, 47, 48, 49, 51, 52, 53, 54
Representaciones de género 67
Retablo 78, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 89, 90, 91, 92
Revolución tecnológica 260

S

Social determinants 144, 145, 146, 151, 152, 153, 154

T

Teoría contractualista 214, 216, 217, 219, 229
Teoría estatutaria 214, 216, 222, 229, 230
Toma de decisiones 5, 6, 40, 46, 47, 50, 52, 54, 253

U

Unilateralismo estatal 214, 217

V

Violencia de género 1, 3, 4, 6, 7, 8, 9
Violência no namoro 34, 35, 36, 38
Violencia psicológica 26, 28, 31